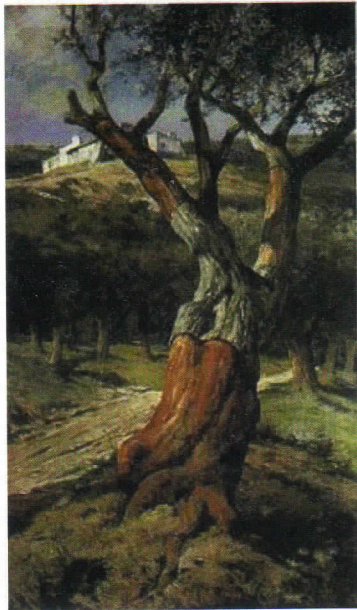


Uma personagem em Ambiente...

D. Carlos I (de Bragança), Rei de Portugal (28.Set.1863 – 1.Fev.1908)



D. Carlos I, filho de D. Maria Pia de Sabóia e de D. Luís I, nasceu a 28 de setembro no Palácio da Ajuda. Educado para ser rei, muito cedo revelou fascínio pela observação da natureza destacando-se também como naturalista, pintor e desenhador talentoso, artes que aplicou na ilustração dos trabalhos de oceanografia e nas pesquisas ornitológicas que assinava, com simplicidade, *Carlos Fernando*. Em 1903 é publicado um primeiro fascículo do “Catálogo ilustrado das aves de Portugal”, contribuindo para o inventário da nossa fauna ornitológica.

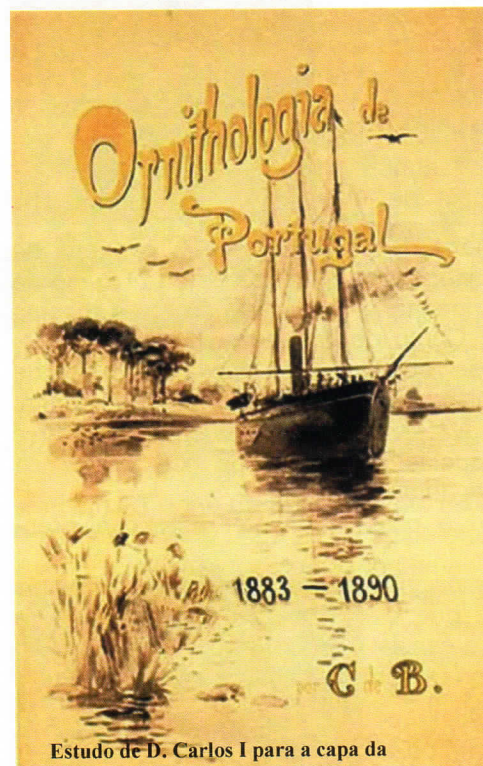


D. Carlos I a bordo do *Amélia IV*

Excelente agricultor rentabiliza as seculares propriedades da Casa de Bragança produzindo vinho, azeite e cortiça; organiza uma ganadaria e incentiva a preservação dos prestigiados cavalos de Alter. Grande apreciador das tecnologias que despontavam nos primórdios do séc. XX como a energia elétrica, a fotografia (é autor do espólio fotográfico da família real) e a telegrafia sem fios, envidou esforços para que Portugal acompanhasse esse desenvolvimento defendendo que o que importa é “ir para diante”.

Mas a sua grande paixão, herdada do pai e manifestada desde criança, era o mar.

Esse encantamento, o orgulho pelo país e a consciência do enorme valor do oceano levaram D. Carlos a promover o seu estudo por cientistas portugueses, a bordo de navios portugueses, lançando as bases da Oceanografia em Portugal e tornando-se um dos primeiros oceanógrafos a nível mundial. A bordo dos sucessivos iates *Amélia*, assim batizados em honra da rainha, patrocinou doze campanhas oceanográficas entre 1896 e 1907, com a orientação científica do naturalista Alberto Girard, nas quais foram capturadas, catalogadas e conservadas inúmeras espécies, algumas novas para a Ciência, estudadas no primeiro laboratório oceanográfico português na Cidadela de Cascais. A sua atividade científica foi também influenciada pelos estudos do zoólogo Barboza du Bocage e pelas pesquisas de Alberto I do Mónaco, fundador do Museu Oceanográfico do Mónaco, primeiro no mundo, o qual terá dado o mote para a construção do Aquário Vasco da Gama em Portugal.



Estudo de D. Carlos I para a capa da

A sua atividade científica foi também influenciada pelos estudos do zoólogo Barboza du Bocage e pelas pesquisas de Alberto I do Mónaco, fundador do Museu Oceanográfico do Mónaco, primeiro no mundo, o qual terá dado o mote para a construção do Aquário Vasco da Gama em Portugal.

Em prol da importância da indústria piscatória em Portugal, publica em 1901 um decreto que explicita a necessidade de elaboração de cartas de pesca; promove inventários dos recursos marinhos procurando maximizar de forma racional a indústria e o comércio da pesca; realiza ensaios sobre as correntes de superfície e estudos do plâncton. Pesquisas da topografia marinha permitiram identificar profundos vales na zona do Cabo Espichel e o rei elabora a primeira carta batimétrica do canhão de Setúbal. A coleção e as investigações oceanográficas - de grande valor científico e ainda hoje base de estudos científicos - colocaram Portugal na vanguarda do conhecimento do mar, no início do séc. XX. A sua divulgação, através de várias obras e exposições públicas, mereceram reconhecimento internacional e a atribuição de diplomas por instituições científicas da época. O acervo de zoologia marinha recolhido, os instrumentos oceanográficos utilizados durante as campanhas, bem como um valioso conjunto de documentação e bibliografia referentes à atividade científica, fazem parte da Coleção Oceanográfica D. Carlos I pertença do Aquário Vasco da Gama e do Museu Oceanográfico, ambos inaugurados no seu reinado, e dos primeiros do mundo.

Atualmente o Instituto Hidrográfico da Marinha continua os estudos então iniciados sobre os fundos marinhos das nossas águas a bordo, entre outros, do navio hidrográfico *D. Carlos I*.

Texto de Maria Pilar Garcia e Foto retirada da Internet



Aquarela do Rei D. Carlos de um peixe capturado em Sesimbra -1904

DICA – Trocar uma lâmpada partida

Precisa trocar uma lâmpada que se partiu no candeeiro, sobrando apenas o casquilho? Desligue o candeeiro, corte uma batata ao meio e pressione-a no resto da lâmpada que sobrou. Vá rodando com cuidado e desenroscando até remover a lâmpada por completo.

Recolha de Maria Graciete Branco